



## DEMOCRACIA, JÁ

Senhores Convencionais:

Nosso partido é o partido da resistência. Resistência democrática, contra o arbítrio e o autoritarismo. Resistência social, contra o arrocho dos salários e a desigualdade crescente.

Resistência não se faz apenas com palavras. Antes de nós, antes do MDB, já se lutava. Pertencemos a uma geração que sabe o custo da palavra. Que não vê no gesto apenas o símbolo, mas um instrumento efetivo de luta. Companheiros nossos, amigos meus, tiveram que exilar-se. Convivi com muitos deles, também no exílio. Os perseguidos são nossos. Nosso partido abriga muitas famílias que viveram a agonia de quem sabe e do talvez na busca de seus entes mais queridos.

Antes de nós, companheiros nossos de ideal democrático legaram a nós o protesto mudo de seus corpos. Recordo-me das caminhadas eleitorais que fiz, antes de 64, com o deputado Rubens Paiva, com o riso franco de quem não teme a democracia, com o ímpeto de quem quer ver sua pátria próspera e soberana, soldada por um nacionalismo enraizado no povo e não apenas no Estado. Desaparecido ou morto, Rubens Paiva continua sendo para a minha geração o companheiro nosso de cada dia, a recordar-nos o dever da resistência.

No MDB lutou o líder Mário Covas, paulista da baixada santista. No MDB lutou Alencar Furtado, que continua líder de todos nós. No MDB lutou Lisâneas Maciel, ainda distante mas muito presente. No MDB lutaram os paulistas Gato e Fabiano. Cassados, perseguidos. Reivindicamos para nós a honra de dizer: os cassados são nossos.

Não, não nos esqueceremos. A perseguição e o arbítrio serão superados. Virá a anistia: ampla e irrestrita. Mas nós não esqueceremos a dor do exílio, as perseguições, a violência, a arbitrariedade. E porque recordamos tudo isso, não seremos jamais revanchistas: sabemos que a Pátria, que é nossa e não de um punhado de presumidos "donos do poder" exige que se aponte para um futuro de dignidade humana, de igualdade social e de democracia. Temos bem dentro de nós o sentido de que a resistência faz-se com firmeza e serenidade e que o exemplo dos que foram perseguidos e continuam excluídos escreveu em nossa história o que é muito mais do que um chavão, é um anseio que cresceu na luta: anistia, Estado de Direito, Constituinte. Não fomos nós que inventamos estas palavras. Foi a consciência coletiva quem as foi soletrando, à custa de muita batalha.

O MDB foi e é depositário destas lutas. Recordo o brado democrático de Oscar Pedrosa d'Horta. O anti-candidato Ulysses Guimarães - candidato eleito da consciência nacional de resistência para a posição não apenas de Presidente do MDB, mas de Presidente de todas as oposições, vale dizer hoje, da sociedade civil brasileira - marcou para sempre o rumo de nosso partido. Em 1974 a votação maciça que receberam os candidatos do MDB em São Paulo foi plebiscitária. O governo estadual que os poderosos arrancaram do povo não bastou para estancar a vontade de participar e a rebeldia espontânea dos paulistas. O MDB elegeu o senador mais votado da história brasileira e ganhou, de chofre, a maioria da Assembleia Legislativa. Porque soubemos resistir, ganhamos forças para destruir a ditadura e construir a democracia. É essa, daqui para frente, a nossa tarefa prioritária.

Mas a resistência não foi nem é apenas de um partido, nem se faz apenas com os vultos conhecidos. As igrejas souberam dar basta ao arbítrio. Ninguém mais do que o bispo líder de São Paulo expressou a indignação dos paulistas no holocausto de Vladimir Herzog. A imprensa, mesmo quando amordaçada - e parte dela ainda está - soube manter viva a chama: a cada fresta aberta tem correspondido

a passagem de um sopro de informação e de crítica. Não poupou os partidos quando eles vacilaram e compactuaram com as falcatuas e os casuismos do poder; não deixou de encorajar os políticos, quando eles caminharam. Os advogados, os professores, os estudantes, os operários, resistiram e resistem. A Universidade foi humilhada: homens símbolo como o reitor Helió Lourenço, como Paulo Duarte, Florestan Fernandes, Mário Schemberg ou Alberto Carvalho da Silva dela foram afastados arbitrariamente. Sou com eles solidário, até porque os poderosos do dia me honraram com o mesmo destino. Os estudantes souberam derrotar a apatia. Os sindicatos, ainda agora, clamam com força por liberdade e melhores salários. E há os lutadores anônimos, nas periferias das grandes cidades, nas fábricas, nas fazendas, nos escritórios, nas escolas. Entre esta multidão de idealistas, há também - o que muitos desconhecem - a rede forte de devotamento e persistência dos militantes de base, dos organizadores de diretórios, dos embedistas do Interior que continuam lutando. Não os menciono para render uma homenagem formal, mas para dizer: eles não deixarão o partido afastar - se dos caminhos da resistência e contarão comigo firmemente.

Senhores convencionais: um partido não se faz apenas de glórias passadas; se nós quisermos continuar a ter um papel na história brasileira teremos de dar um passo à frente, e depressa. Nosso povo já o deu. Hoje, não basta pregar a democracia. É preciso vivê-la. Democracia, já.

Os sindicatos dos trabalhadores paulistas nos estão ensinando como resistir agora: construindo, na prática, uma ordem democrática. Os líderes sindicais não foram perguntar se o direito de greve é reconhecido pelo AI 5. Os trabalhadores paulistas, quando pararam ordeiramente de trabalhar, partiram do óbvio: o AI 5 é que é ilegal perante a consciência nacional; a tutela do Ministério do Trabalho é que é imoral perante o ânimo de reivindicar negociações diretas entre patrões e operários. Os estudantes mantiveram seus diretórios independentes. Não perguntaram se o 477 os permitia ou não. É este o passo a ser dado: democracia, já, com nossas próprias pernas. Sem diálogos do passado a prometer a revogação do que já está revogado pela vida. Como aceitar hoje que os cassados esperem mais cinco anos para voltar à militância político-partidária pela revogação tardia do artigo 185 da Constituição? Como expor todos ao constrangimento das "revisões" das punições, quando se sabe que em quase todos os casos

nunca houve processo e, portanto, nada há para rever?

O MDB exigirá nesta campanha a Constituinte porque sem ela não há lei que seja legítima. A sociedade brasileira perdeu o medo. Ontem, dizíamos: "sem medo e sem ódio". Hoje dizemos: "com coragem e com esperança". Somos nós que queremos a ordem jurídica, somos nós que queremos garantir aos que usurparam nossos direitos o Direito para que eles tenham conosco uma convivência política respeitada.

Mas nós queremos liberdades políticas, Estado de Direito, liberdade de organização partidária, reincorporação à vida nacional de todos os perseguidos para construir uma sociedade mais equitativa. Democracia para mudar; não apenas democracia para justificar a pobreza, a exploração, a concentração da renda.

O MDB está diante de um desafio histórico: ele pode, se transigir, tornar-se um grande partido eleitoral, acentuando os remendos que o governo oferece, fazendo de conta que já ingressamos na redemocratização, "lenta, gradual e segura". Isto é democracia para inglês ver, lá fora. É nosso dever, diante dos companheiros que lutaram e tombaram, diante da luta anônima das massas brasileiras, dizer um rotundo não às reformas consentidas que nos tornariam parlamentares tranquilos de um regime de embuste. **Eu não quero ser Senador para votar remendos e fazer de conta que somos democratas. Nós não queremos e não seremos o partido que legitimará os pacotes de abril, as eventuais emendas do próximo julho, a pseudo-democrática mutilação da própria ideia de Constituição por enxertos num documento outorgado por um Junta Militar como é a Constituição de 1969.**

**Nós seremos o partido que, na próxima campanha eleitoral, abrirá o caminho para que a vontade popular e nacional se expresse e diga o que quer. Reproduziremos a voz que já está gritando que que participar para fiscalizar, para controlar e para exigir melhores condições de vida.**

A democracia que queremos é a democracia que permitirá à base da sociedade exigir que as políticas de redistribuição de renda façam-se com o pensamento fixo em que é imoral uma ordem social que admite que 60% dos assalariados recebam menos de dois salários mínimos e que o salário mínimo seja um salário de fome. A indignação pela miséria da maioria e pelo esbanjamento dos ricos obriga-nos a dar um grito de basta a tanta mistificação em nome do crescimento.

A democracia que queremos é um regime que permita às bases, aos municípios, aos estados da federação, aos grandes centros urbanos, a mesma autonomia que os sindicatos reivindicam, os estudantes desejam, os assalariados necessitam. Sem que se ponha um paradeiro às burocracias e à centralização crescente, sem que a política das empresas públicas torne-se de fato pública, sem que os partidos, a imprensa, os sindicatos, os grupos de moradores, enfim a própria sociedade, participe das decisões, controle e fiscalize os que mandam, não haverá democracia, nem a democracia que se construirá servirá para mudar as condições de vida do povo. Nós queremos democracia para valer. Assumindo os riscos de uma mudança efetiva na sociedade.

Hoje não é só o trabalhador quem sente a injustiça no seu bolso com os magros salários. A classe média, o professorado primário e secundário, os comerciários, a dona de casa, todos sentem pelo custo de vida que os anos do "milagre" e da repressão só serviram a alguns ricos. E nem a todos. O juro nosso de cada dia é pago hoje por quase todos: é o trabalhador que compra sua roupa e paga juros escorchantes; é o funcionário que quer comprar um rádio e paga juros; é o industrial e o fazendeiro que estão pendurados nos bancos. Todos pagam o seu tributo aos senhores do milagre. E ao lado disso, um grupo reduzido de especuladores financeiros e prestamistas agiotas se farta com os frutos do nosso trabalho com o crescimento econômico. No centro de todo este sistema estão as empresas multinacionais atuando sem controle e a finança internacional beneficiando-se sem cessar com o crescimento da dívida externa. Queremos democracia para por um ponto final nisso tudo.

E queremos democracia também para que a corrupção - a pequena e a grande - que está estampada nas denúncias dos jornais seja apurada. Apurada por quem de Direito: pelos Tribunais e pelo Parlamento. À luz do dia e não nas C.G.I. cujos processos só os poderosos conhecem e utilizam para fazer chantagem política. A verdadeira oposição brasileira não aceita e não compactua com as práticas de esbanjamento e corrupção e exige um paradeiro nisso. E tampouco compactua com a utilização dos resultados das comissões de inquérito para garantir apoios políticos ou para fazer ameaças sem base aos adversários.

Senhores convencionais:

Não quero deixar de dizer uma palavra final sobre o momento político. O MDB será o conduto natural para que as forças que se opõem ao regime anti-constitucional que nos rege seja substituído pelo estado de direito. O partido aspira o apoio popular e este não nos tem sido negado. Nós faremos alianças e entraremos em frentes oposicionistas. Mas o estilo de política de cabresto e de cambalacho deve morrer no Brasil. Teremos de dizer claramente às bases como e por que decidimos marchar numa dada direção e precisamos pedir o aval das bases para nossas decisões. Nosso princípio maior é a fidelidade democrática e o respeito à opinião do eleitorado. Eu sinto que o eleitorado brasileiro - que condena as eleições indiretas - quer hoje, mesmo através delas - participar. Participar para poder terminar com elas, não para dar-lhes substância. Participar através do MDB para eleger candidatos que tenham compromissos claros e inequívocos com nossas bandeiras: Constituinte, Anistia, Estado de Direito, Distribuição de Renda.

Pessoalmente apoiarei os candidatos que preencham estes requisitos, desde que tal decisão conte com o respaldo do partido e dos eleitores. Não poderemos tomar decisões desta envergadura fechando-nos oligarquicamente. Não faremos em ponto pequeno o que o governo faz no atacado. Nossas bases e nosso eleitorado estão maduros para entender o porque de certas alianças, sempre e quando não prometamos que elas resolvem o que só a participação direta do povo será capaz, por si, de resolver: os problemas de base do país. Discutiremos abertamente na imprensa e nos comícios, e assumiremos os riscos responsabilmente. Eu espero que o MDB ganhe o governo de São Paulo que de direito lhe pertence e que lhe vem sendo esbulhado; eu espero que o Brasil ganhe, com nosso apoio e com respaldo popular, um Presidente comprometido com a Democracia, já; para que o povo ganhe o espaço político necessário para exigir as condições condignas de vida a que aspira e tem direito. Eu tenho certeza de que não nos faltará o apoio popular. Venceremos, pelo Brasil.